

## **A Chácara Da Hera Como Espaço Museológico Relacional**

(Modalidade de trabalho: Apresentação oral)

A Chácara da Hera, com suas ruas de jabuticabeiras, extenso túnel de bambus, mangueiras, cabeludinhas, vassourinhas e suntuosas palmeiras imperiais, é um misterioso e sedutor percurso que vai se revelando aos poucos, à medida que o visitante alcança uma nova curva, desce uma ladeira ou sobe outra escada pelos caminhos do quintal da casa da famosa Eufrásia.

Refletir sobre o processo de significação de um bem tombado já constitui em si uma das ações do pensar e do fazer museológicos, ainda mais quando este bem apresenta potencialidades oriundas de múltiplas relações espaço-temporais. Isso porque, diferentemente de outros processos museológicos tradicionais, não estamos tratando somente de uma casa ou de um jardim em separado, mas da confluência de um espaço que absorve e transpira as relações latentes em sua história e que se permite a vivência de um processo permanente e natural de constante mutação, ressignificação, vida e transformação.

Popularmente conhecida como Chácara da Hera, o jardim do Museu Casa da Hera, situado na região do Vale do Café sul-fluminense, é parte de um importante legado da família Teixeira Leite para a pequena Vassouras. Esta cidade, que conta hoje com pouco mais de trinta mil habitantes, foi testemunha da riqueza gerada pela produção e exportação do café no século XIX.

A partir do desejo de preservação de Eufrásia, claro e tão detalhadamente registrado, fica aqui uma questão específica sobre as responsabilidades e possibilidades de transformar a casa da família Teixeira Leite em um museu, um lugar que vai tornar público esse desejo da última proprietária da Chácara. Scheiner (1998, p. 118), afirma o caráter do museu como “mediador institucional da circulação social de cultura”, sendo responsável por um conjunto de informações e mensagens para a posteridade, garantindo sua continuidade e, com isso, a personificação da consciência de identidade de um povo, região ou país. A preservação dos testemunhos materiais (objetos, edificação e terreno) e de sua consequente significação cultural como elementos guardiões da memória da atuação da família Teixeira Leite em seu tempo constituem uma forte referência identitária para a sociedade de Vassouras e sua região.

Ao perceber a necessidade premente de pesquisa e reflexão sobre as possíveis relações entre o jardim e a Casa da Hera, buscamos compreender as narrativas inseridas no repertório do espaço que compõe a Chácara da residência da família Teixeira Leite, seus diferentes tempos, usos e funções, de forma a estabelecer diretrizes que possam vir a orientar o desenvolvimento de suas potencialidades e seu adequado tratamento. Enquanto espaço de relações, há que se ter clareza de que talvez não seja possível mensurar com exatidão todos os componentes relacionáveis, primeiro em virtude de que, dentre o rol destes aspectos figura o subjetivo, que se manifestará na relação afetiva estabelecida por cada sujeito em seu tempo. Além disso, porque sabemos que, sendo uma pesquisa no tempo presente, só é possível elencar aqueles elementos registrados de alguma forma em algum lugar no decorrer de todo esse tempo. Igualmente, não podemos nos esquecer de que estamos tratando de um local que, apesar das intervenções humanas, é ocupado pela natureza e, como tal, é vivo e também transitório e efêmero.

Sendo assim, entendemos o espaço museológico relacional como o diálogo possível oriundo das relações entre diferentes sujeitos, tempos e espaços, no qual o sentido de valoração é construído na interseção dos significados. Aspectos de toda origem – históricos, culturais, geográficos, políticos, subjetivos, entre outros –, que terão seu valor ampliado em virtude da relação estabelecida entre tais aspectos. Essa construção simbólica legitima seu valor como bem cultural musealizado e permite sua apropriação.

Dessa forma, se torna importante fortalecer a ideia de que, muito mais do que apenas a parte externa, é preciso ampliar a percepção da Chácara como parte integrante do Museu e este como parte integrante da cidade, ambos igualmente responsáveis pelo fortalecimento da sua significação. Cabe reiterar nossa percepção sobre a presença de um espaço relacional entre os diferentes tempos vividos pela Chácara da Hera. Dentre tantas nuances, vamos sintetizar três fases marcantes dessa trajetória, no desejo de qualificar tal análise. Como primeiro momento, destacamos sua origem enquanto jardim de uma residência do século XIX – a moradia da família Teixeira Leite, em que a Chácara, com características funcionais, oferecia suporte às atividades domésticas – água, alimentos, refugio e guarda dos animais –, e também proporcionava a privacidade necessária para as brincadeiras infantis e os banhos de sol das moças da família.

Na sequência, quando o local perdeu sua função doméstica familiar, passando a patrimônio e, posteriormente, a museu, com atividades de exposição e visitação, percebemos que a área externa da casa perdeu sua funcionalidade de abastecimento e passou a entorno daquilo a que foi dado destaque: a edificação e os objetos dos Teixeira Leite. Nesta fase, percebemos pouca ênfase ao diálogo entre a casa e o jardim: o senso comum passa a entender o museu como principalmente a casa, e não o seu todo.

Situamos o terceiro momento quando, em um recorte mais inserido na atualidade, a Chácara é percebida em sua significância efetiva e passa a ser valorizada como parte integrante do museu. Nesta fase, seus jardins históricos são reconhecidos como espaço museológico e, como tal, possível ambiente de visitação, exposição, deleite, criação, contemplação, lazer e produção de conhecimento, por meio de ações educativas e culturais. Como reflexo desta percepção e de uma escolha de gestão pela requalificação e ressignificação da Chácara, foi verificada a aproximação e o interesse pela visitação e permanência nos jardins do Museu Casa da Hera, não só dos turistas, mas principalmente da população residente na cidade e na região.

Para Scheiner (2007, p. 1):

[...] se a percepção é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam, o mundo, mais que objeto, é o meio natural e campo de todos os pensamentos e percepções. **E o que importa é o sentido que aparece na interseção destas experiências.** Mais que representação, o Museu será portanto criador de sentidos, na relação: dos sentidos que percolam essas sensações, atos e experiências. (grifo nosso)

Dessa forma, podemos entender que a questão da percepção dos elementos e das relações que cada indivíduo estabelece com o museu – aquele lugar, aquela história, determinados caminhos e objetos –, bem como a interseção dessas experiências, com suas próprias vivências, é o fator gerador dos sentidos e da sua apropriação. A proposta de ressignificação da Chácara da Hera por meio da qualificação de seu espaço vai de encontro ao excesso de informações, à falta de tempo, à banalização dos valores a que somos cada vez mais submetidos, à superficialidade das relações e à incompletude que nos torna mais solitários e consumidores mais compulsivos a cada dia, em pleno século XXI. E por falar em tempos atuais, citamos Moacyr dos Anjos, que, com sua fala, conclui a linha de pensamento que desenvolvemos até aqui: “o museu na contemporaneidade é um espaço de construção de uma ideia de estar no mundo, o museu é, portanto, um espaço museológico relacional entre os homens e as coisas” (ANJOS, s/d, p. 1).

Referências:

AUTORA. Um passeio pela Chácara da Hera – do quintal da família Teixeira Leite ao jardim do Museu como espaço relacional museológico. Dissertação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2014.

ANJOS, Moacyr. **Desafios para os Museus de Arte no Mundo Contemporâneo** (notas provisórias para um texto em elaboração). s/d. Disponível em: <[http://www.mamam.art.br/mam\\_opinio/word/moacir\\_anjos\\_desafios.doc](http://www.mamam.art.br/mam_opinio/word/moacir_anjos_desafios.doc)>. Acesso: 12 jan. 2014.

DAVALLON, Jean; GRANDMONT, Gerald; SCHIELLE, Bernard. **L'environnement entre au Musée**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1992.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceptos Claves de Museología**. Paris: Armand Colin, 2010. Disponível em: <<http://icom.museum/professional-standards/key-concepts-of-museology/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

GONÇALVES, Ely. **Guia do Museu Casa da Hera**. Vassouras: IPHAN, 1995.

INVENTÁRIO de Eufrásia Teixeira Leite. Centro de Documentação Histórica. (CDH). Universidade Severino Sombra (USS). Vassouras, RJ, Brasil.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: “tematizando” Bourdieu para um convite à reflexão. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v.1, n. 4, maio-jun. 2013. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/museologia/article/view/9627>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

ROCHA, Luisa Maria. **Musealizar o Transitório: o adensamento das relações entre tempos e espaços**. 2012. Relatório de Pós-Doutorado. Pós-Doutorado em Ciência da Informação – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2012.

SCHEINER, Tereza. **Apolo e Dionísio no Templo das Musas; Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental**. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos. **Semiosfera**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4-5, 2007. Disponível em: <[http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera45/conteudo\\_rep\\_tscheiner.htm](http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera45/conteudo_rep_tscheiner.htm)>. Acesso em: 10 abril 2011.

STEIN, Stanley J. **Vassouras: um município brasileiro do café (1859-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. **Vassouras**, Estudo da Construção Residencial Urbana. Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Vol. 16. Rio de Janeiro, 1968.